

# Valores e interações em um discurso sobre a imigração brasileira pós-1945

Alexandre Marcelo Bueno<sup>1</sup>

## 1 INTRODUÇÃO: RESUMO HISTÓRICO

O ano de 1945 é marcado pelo final da Segunda Guerra Mundial e pelo encerramento, no Brasil, da Era Vargas. Com os acontecimentos que representam o fim dessa fase da história, novas questões aparecem, principalmente para os países que estiveram envolvidos na guerra. Dentre essas questões, a da imigração apresenta novas características, ao mesmo tempo em que tem que lidar com antigos preconceitos e resistências (afinal, o fim de uma era não necessariamente significa a eliminação de todos os seus traços e valores). Dessa forma, nesse período, surgem as figuras dos deslocados de guerra e dos refugiados, ou seja, pessoas que foram espoliadas ou perseguidas pelos confrontos entre os países europeus. Essas pessoas pertenciam, de um modo geral, à classe média (tanto urbana quanto agrária) das sociedades envolvidas na guerra e muitos possuíam, assim, formação escolar e técnica maior do que a dos imigrantes do período anterior às Grandes Guerras (FREITAS, 2001, p. 51-52).

Pela precariedade em que esses grupos de pessoas estavam vivendo, uma das opções vislumbradas por eles foi a de sair de seu país de origem para tentar recomeçar sua vida em outro lugar. Para auxiliar no deslocamento daqueles que queriam sair de seus respectivos países, foram criadas instituições supranacionais para cuidar do destino dos deslocados ou dos refugiados, como a OIR (Organização Internacional dos Refugiados) e a CIME (Comissão Intergovernamental para Migrações Européias). Essas instituições realizavam a mediação entre os países europeus destruídos pela guerra e os países que tinham interesse em receber esse novo tipo de imigrante. Dentre os países interessados e que mais receberam imigrantes nesse período, destacam-se os EUA e a Argentina. Mas o Brasil também se incluía no rol dos países interessados em receber esses imigrantes, ainda mais por querer efetivamente desenvolver sua economia e seu parque industrial nascente (FREITAS, 2001, p. 48-50).

No entanto, esse desejo de contar com novos imigrantes no país não é um ponto de vista encontrado em todos os segmentos da sociedade. Por isso, a sociedade e o Estado brasileiros retomam os debates a respeito da imigração, com o intuito de discutir quais os critérios a serem estabelecidos para que entrassem apenas trabalhadores imigrantes adequados, ou seja, que não causassem qualquer tipo de problema para o país. Como ocorrera nas discussões da Constituinte de 1936, havia discursos favoráveis à imigração irrestrita e à imigração controlada, além de discursos contrários à imigração. O texto que analisaremos, de Geraldo de Menezes Côrtes, simplesmente intitulado “A Imigração”, foi publicado na *Revista de Imigração e Colonização* em 1947 e se insere no campo da imigração controlada, que propõe a

<sup>1</sup> Graduado em Linguística pela USP, mestre em Semiótica e Linguística Geral e doutorando em Linguística pela mesma instituição.

seleção criteriosa e rígida de grupos cujas origens eram pré-estabelecidas pelos critérios apresentados.

O texto de Geraldo de Menezes Côrtes pode ser caracterizado, assim, como uma proposta de organização desse novo processo imigratório, cuja organização se basearia, do ponto de vista do autor, na defesa dos valores nacionais homogêneos e em uma melhoria da sociedade brasileira.

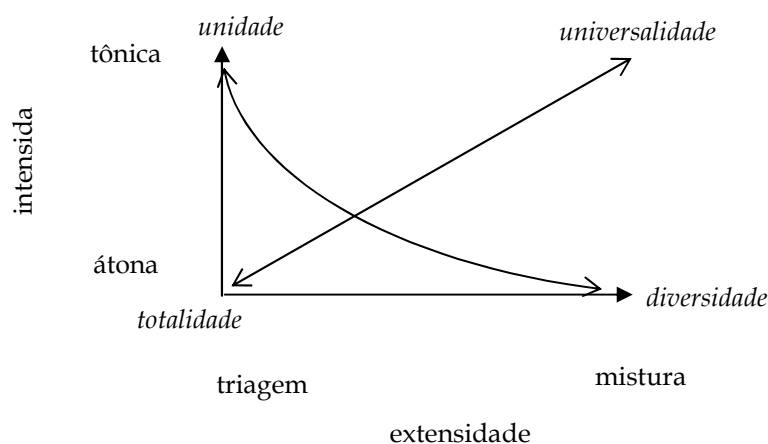
## 2 SEMIÓTICA DISCURSIVA FRANCESA: DOS VALORES AOS REGIMES DE INTERAÇÃO

Veremos, neste ensaio, como ocorre a construção dos valores, que repercutirá na organização de todo o discurso de Geraldo de Menezes Cortês, sobretudo na forma de relação entre imigrantes e sociedade brasileira proposta pelo autor. Para a formação dos valores do discurso analisado, utilizaremos o modelo da semiótica tensiva, de Zilberberg & Fontanille (2001).

De maneira sucinta, a formação dos valores de todo e qualquer discurso se baseia no seguinte esquema: entendido como um sentido articulado, o valor é gerado por meio da correlação entre intensidade e extensidade. Essa correlação, por conseguinte, ocorre de duas maneiras independentes: a conversa e a inversa, sendo que a definição de cada correlação parte das relações entre conjunção e disjunção (ZILBERBERG; FONTANILLE, 2001, p. 26). A disjunção e a conjunção definem, respectivamente, os operadores da triagem e da mistura que estão no eixo da extensidade, ao passo que, no eixo da intensidade, encontramos os operadores de tonicidade e de atonicidade. Dessa forma, a correlação conversa (em que predomina a mistura) gera o regime participativo enquanto a correlação inversa (cujo predomínio é da triagem) produz o regime exclusivo ou de exclusão (ZILBERBERG; FONTANILLE, 2001, p. 26-27).

Nos valores orientados pela triagem, há uma restrição na circulação entre os objetos, enquanto nos valores orientados pela mistura, a circulação dos objetos é maior e, principalmente, mais rápida (ZILBERBERG; FONTANILLE, 2001, p. 27). Os valores gerados pela correlação entre triagem e mistura, tonicidade e atonicidade são a seguir apresentados de forma esquemática, na figura 1.

Figura 1: Correlação entre triagem e mistura



Em relação às propostas de Landowski a respeito dos regimes de interação em semiótica, podemos afirmar o seguinte: o autor elabora novas noções de interação a partir do conceito conhecido em semiótica como junção. Uma identidade, em interação com uma alteridade, possui quatro formas de relacionamento: assimilação (conjunção), exclusão (disjunção), admissão (não-disjunção) e segregação (não-conjunção) (LANDOWSKI, 1997, p. 5-14). A alteridade, nesse modelo, também apresenta suas formas de interação com a identidade, baseadas ainda na noção de junção: esnobe (conjunção), dândi (disjunção), camaleão (não-disjunção) e urso (não-conjunção) (LANDOWSKI, 1997, p. 37-45). É possível observar que, em um primeiro instante, há uma equivalência em cada forma de interação nas duas instâncias (identidade/alteridade). No entanto, a análise das relações entre identidade e alteridade prevê também uma dinâmica própria para cada instância. Assim, pode-se examinar, em uma análise, como uma identidade excludente (disjunção) se comporta em relação à alteridade “camaleônica” (não-disjunção) e sucessivamente. Pela combinação entre os dois regimes, pode-se chegar a um total de 16 possíveis relações, tanto de conformidades como de confrontos, ambos responsáveis pela produção de diferentes significações colocadas em discurso (LANDOWSKI, 1997, p. 50-52).

Em nosso entendimento, os valores formados pela correlação direta e inversa entre triagem e mistura fazem parte, de modo subjacente, ao regime de interações proposto por Landowski: no ponto mais alto da correlação inversa, a exclusão está associada ao valor de unidade, ou seja, valor que não pode ser dividido, enquanto na correlação conversiva, a assimilação estaria relacionada aos valores da universalidade, pois a assimilação promoveria uma mistura tão forte que produziria uma nova homogeneidade. Já a admissão, só visaria os valores da diversidade, ou seja, os valores divisíveis, enquanto a segregação estaria ligada à totalidade que, por sua natureza, não aceitaria quaisquer outros elementos fora daquilo que a define.

Para finalizar essa parte teórica, apresentamos algumas considerações a respeito do discurso preconceituoso e intolerante. Segundo Barros (2008), o nível narrativo apresenta certas características em relevo quando se trata de um discurso intolerante. Essas características se resumem, nesse nível do percurso gerativo do sentido, duas fases: a primeira se refere a uma sanção aplicada pelo destinador-julgador a um sujeito que não cumpriu de modo satisfatório um determinado contrato social anteriormente proposto. Como esses sujeitos são reconhecidos como não cumpridores do contrato, eles devem ser punidos, sob o ponto de vista do destinador-julgador. A segunda fase se limita a colocar essa punição em prática: o discurso intolerante envolve paixões malevolentes (como o ódio, a raiva, o rancor, a inveja) o que leva a um querer fazer mal a um outro sujeito por ele não querer, não poder ou não saber cumprir o contrato proposto. Esse fazer mal ao outro é a própria intolerância, enquanto a etapa em que surgem as paixões malevolentes é considerada como o preconceito (BARROS, 2008, p. 343).

Além disso, o discurso intolerante pode apresentar uma outra face, diretamente relacionada a temas como o amor à pátria (nacionalismo) ou a

solidariedade ao grupo social do sujeito intolerante. Como diz Barros, “É esse jogo entre o querer fazer mal aos diferentes e o querer fazer bem a seus iguais que caracteriza o sujeito apaixonado intolerante” (2008, p. 344). Em outras palavras, o discurso intolerante se caracteriza por uma forte adesão do enunciador aos valores de seu grupo, ao mesmo tempo em que não aceita qualquer diferença ou desvio de seus valores quando lhe surge a figura da alteridade.

É nessa relação entre valores e interação que surgirá um discurso preconceituoso e intolerante. A seguir, em nossa análise, veremos como, progressivamente, o discurso de Geraldo de Menezes Cortês constrói seus valores e seu preconceito.

### 3 PRIMEIRO MOVIMENTO: A EXCLUSÃO

No nível narrativo, dois programas de uso ocorrerão para propiciar uma plena realização do programa narrativo principal que, de antemão, identificamos como sendo o do desenvolvimento econômico e social do Brasil. O primeiro programa de uso será o da exclusão de determinados grupos estrangeiros (exclusão que visa, como veremos, uma certa pureza de constituição da sociedade brasileira, sobretudo em relação à sua composição racial). O segundo programa é o da assimilação dos imigrantes para que se melhore a própria sociedade brasileira, foco da seção seguinte de nosso trabalho.

Dessa maneira, no que se refere à exclusão, o discurso de Geraldo de Menezes Cortês apresenta uma primeira distinção simples entre os imigrantes, enquanto alteridade, que poderiam entrar no país: os imigrantes bons e os imigrantes ruins:

Para impedir que elementos estrangeiros no Brasil venham perturbar a nossa soberania ou serem fatores dissociativos ou enfraquecedores do espírito da nacionalidade é preciso cuidar-se da assimilação do alienígena e de seus descendentes. Daí decorre a necessidade imprescindível de associar-se ao problema imigratório o de assimilação (CORTÊS, 1947, p. 6).

Os imigrantes ruins são, então, aqueles que podem, de alguma maneira, ameaçar a integridade nacional ou enfraquecer o espírito nacional coletivo. Dessa forma, a preocupação do autor está em defender uma unidade nacional que, como vimos, tem em sua base uma triagem tônica, criadora de um valor homogêneo e único. Além disso, existência da categoria de imigrante ruim serve de justificativa para a proposta do autor, que defende a idéia de que a questão imigratória no Brasil (que ele qualifica como um “problema”) deve estar diretamente ligada à discussão sobre formas de assimilar o imigrante à sociedade brasileira. Veremos, no trecho abaixo, como essas categorias, de imigrante bom e imigrante ruim, se concretizam semanticamente:

Trataremos somente dos Países Europeus visto que os Asiáticos, por condições raciais inassimiláveis, não devem entrar em nossas cogitações de aproveitamento (CORTÊS, 1947, p. 6).

Nesse trecho, vemos que a triagem tônica é responsável por uma exclusão, porque visa a pureza e a unidade. A triagem se desdobrará, no regime das interações,

na exclusão de uma certa forma de alteridade: os imigrantes de origem asiática, que recebem uma sanção negativa de um fazer-ser impossível para eles (segundo o quadro axiológico do discurso). Em outras palavras, os imigrantes asiáticos são excluídos da discussão sobre a política imigratória brasileira porque são considerados inassimiláveis em se tratando da noção de raça.

Esse tema da raça volta e fica mais claro na apresentação que o texto nos dá dos critérios estabelecidos para a seleção dos imigrantes, como podemos ver a seguir:

O aspecto geral visa mais a defesa da nossa sociedade só permitindo que entrem no Território Nacional, para nele permanecerem 'temporária' ou 'definitivamente', os que satisfaçam as condições de:

- saúde
- valor físico (aliado à idade e condições de subsistência)
- valor intelectual
- religião
- raça (razões de ordem econômica e social)
- sentimento e ideologias políticas que não colidam com os nossos (CORTÊS, 1947, p. 9).

Relembremos que o objetivo do autor é defender os valores da sociedade brasileira. Para que esse objetivo se efetive, o governo nacional só deverá conceder a entrada para os imigrantes que cumprirem determinados critérios. Esses critérios são convertidos nos seguintes temas, já no nível discursivo: biológicos (saúde, valor físico), cognitivo (intelectual), cultural (religião), racial (raça) e político (ideologias).

Todos esses temas estão ainda diretamente relacionados à homogeneidade de valores construída pelo discurso de Geraldo de Menezes Cortês. Dessa feita, esses critérios todos estão diretamente ligados à essa homogeneidade, isto é, apesar de sua diversidade aparente, cada um deles apresenta somente um determinado traço semântico que deverá ser preenchido pelos imigrantes. Dessa forma, apenas os imigrantes que gozam de boa saúde, possuem boa formação educacional, não-comunistas e que sejam brancos e cristãos devem ser aceitos pelo governo brasileiro.

Veremos na seção seguinte, como essa questão da homogeneidade dos valores nacionais é, de alguma maneira, desestabilizada pelo próprio ponto de vista do autor, principalmente pela divisão implícita da sociedade brasileira que ele apresenta.

#### 4 SEGUNDO MOVIMENTO: DOIS TIPOS DE ASSIMILAÇÃO

Parece-nos que não apenas os asiáticos, mas potenciais imigrantes de outros países também seriam excluídos se não correspondessem aos critérios de seleção apresentados. De qualquer forma, como vimos, a exclusão mais patente no discurso é a dos imigrantes de origem asiática.

Ao mesmo tempo em que ocorre a exclusão, o discurso também propõe a assimilação dos imigrantes que cumprem todos os critérios estabelecidos pelo discurso. A assimilação ocorre, então, como uma conjunção entre o grupo imigrante e a sociedade brasileira, produzindo a formação de uma sociedade melhorada, que é necessária para o desenvolvimento econômico nacional. A defesa do melhoramento da sociedade nacional ocorre porque o discurso defende a ideia de que, com a assimilação

dos novos imigrantes, parcela da sociedade brasileira teria seu nível cultural elevado pela presença desses novos sujeitos:

Urge aproveitar essa possibilidade de movimentar uma massa genuinamente brasileira, para de um lado elevar seu padrão cultural em contato com elemento estrangeiro e, de outro lado, para que se mesclando com o elemento alienígena – sob a sábia orientação do Estado, com seus órgãos de assistência social e de fiscalização – venha a concorrer não só para a mais fácil assimilação deste como para o crescimento de uma população cujos traços de união sejam a língua Nacional e os sentimentos comuns de amor ao que é seu e de seus descendentes (CORTÊS, 1947, p. 7).

Em outras palavras, a assimilação dos imigrantes europeus serviria para melhorar a composição étnica (na verdade, racial, do ponto de vista do autor) e intelectual da sociedade brasileira, além de reforçar os laços cristãos. A assimilação desses imigrantes aos valores nacionais, que permanecem imutáveis, poderia, assim, segundo o autor, construir um país melhor.

No regime de assimilação, o imigrante europeu deve se integrar e aceitar o fazer assimilacionista da sociedade brasileira, cujo contrato é elaborado a partir da idéia de homogeneidade cultural da nação. E um dos principais elementos desse objeto de valor é, no nível discursivo, tematizado como a língua nacional.

Essa assimilação, contudo, prevê, como dissemos, a melhoria da sociedade brasileira, cujo traço destacado pelo autor é o cultural. Se pensarmos que os imigrantes desejados são os europeus, a finalidade dessa melhoria cultural da sociedade brasileira é, em seu limite, fundar uma “civilização européia nos trópicos”. Para se concretizar esse objetivo, o Estado deveria ter um papel fundamental:

É sabido que o padrão cultural mais elevado reage ao inferior e tende absorvê-lo, e só se conseguirá assimilação, com o indiscutível benefício de elevação do nosso nível cultural no sentido sociológico, se houver a ação metódica, constante, e inteligentemente orientada do Estado na solução de todos os problemas que a própria assimilação envolve (CORTÊS, 1947, p. 7).

Para essa seção, cabe ainda mais uma observação no trecho acima. O autor deixa bem claro os valores que ele cria em seu discurso e que, conseqüentemente, ele defende. Contudo, esses valores não são ainda acessíveis a todas as partes, grupos ou classes que compõem a sociedade brasileira, aspecto que fica mais evidente quando, em sua percepção, os imigrantes são colocados como auxiliares na construção da melhoria da sociedade brasileira. Assim, apenas parte da sociedade nacional estaria já em conjunção com os valores defendidos pelo autor.

## 5 CONCLUSÃO: ALGUNS TRAÇOS DE PRECONCEITO E DE INTOLERÂNCIA

Em nossa conclusão, veremos rapidamente como a intolerância e o preconceito estão presentes nesse discurso, uma vez ele não apenas propõe um fazer, mas também realiza esse fazer, no movimento de exclusão dos imigrantes de origem asiática. Assim, a exclusão decorre do preconceito racial no discurso analisado, que o

impulsiona para a intolerância (entendida como um fazer malevolente), uma vez que os asiáticos recebem uma sanção negativa por não corresponderem às expectativas do contrato de “assimilação” proposto. Ocorre, assim, um fazer malevolente que elimina a possibilidade de determinados sujeitos entrarem no Brasil, ao menos aqueles que não preenchem os critérios estabelecidos pelo autor.

No nível discursivo, a exclusão se converte no tema da defesa dos valores e dos interesses nacionais, o que justificaria a exclusão de determinados grupos do processo imigratório brasileiro por meio de critérios claros. Já o programa da assimilação, é tematizado como o da soberania dos valores nacionais, aos quais os imigrantes devem se submeter para serem aceitos no processo de desenvolvimento econômico.

Para finalizar, podemos observar que o surgimento de novos sujeitos que passam a participar do processo imigratório brasileiro no período pós-guerra não se refletiu, ao menos em alguns discursos, em uma recomposição dos valores envolvidos no processo de formação social e econômica do país. Muito pelo contrário, a despeito do que as tragédias da Segunda Guerra Mundial nos legaram e nos ensinaram, certos valores retrógrados e preconceituosos não desapareceram do horizonte de possibilidades de certos discursos, que continuaram a pregar (às vezes implicitamente) racismos e intolerâncias contra determinados grupos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BARROS**, Diana Luz Pessoa de. Preconceito e intolerância em gramáticas do português. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (orgs.). A fabricação dos sentidos - Estudos em homenagem a Izidoro Blikstein. São Paulo, Humanitas/Paulistana Editora, 2008.

**FREITAS**, Sonia Maria de. Falam os imigrantes: memória e diversidade cultural em São Paulo. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

**LANDOWSKI**, Eric. Presenças do outro. São Paulo, Perspectiva, 2002.

**ZILBERBERG**, Claude; **FONTANILLE**, Jacques. Tensão e significação. São Paulo, Discurso Editorial/Humanitas, 2001.

Recebido em: 30/10/2009

Aceito em: 26/11/2009



